

A terra do ainda não

O sinal e a carne / 7 – Os profetas verdadeiros não são amados porque destroem casas e oferecem tendas.

Luigino Bruni

Publicado em [Avvenire](#) el 16/01/2022

«Deus está por detrás de cada coisa, mas cada coisa esconde Deus».

Victor Hugo, Les misérables, Vol. II, 5.4

Este capítulo de Oseias, entre os mais conhecidos e amados, é uma profunda reflexão sobre a natureza da idolatria e das armadilhas da lógica sacrificial porque, diz o Deus da Bíblia e Cristo repete-o: «Quero misericórdia e não sacrifícios».



Não é fácil compreender verdadeiramente a dureza dos profetas em relação aos ídolos e à idolatria. O capítulo seis do livro de Oseias, onde se encontram referências apreciadas também pelo cristianismo, enfrenta um aspeto central desta luta anti idólatra. Denuncia o povo que se ilude julgando conhecer Deus

(YHWH) e, pelo contrário, confunde-o com o deus natural das estações e do ritmo dos dias: «Conheçamos, esforcemo-nos por conhecer o Senhor; iminente, como a aurora, está a sua vinda; Ele virá para nós como a chuva, como a chuva da Primavera que irriga a terra» (Oseias 6, 3). Um deus óbvio, preso na ordem natural das coisas, que deve vir como vem, em cada dia, a aurora, como a chuva, como o outono. Sem nos surpreender.

Um cântico da ilusão religiosa que, no entanto, contém uma frase que os primeiros cristãos e, depois, os Padres (Tertuliano), estimaram muito: «Vinde, voltemos para o Senhor... Após dois dias voltará a dar-nos a vida e, no terceiro, nos elevará». *Após dois dias... no terceiro nos elevará, far-nos-á ressurgir.* Quando Paulo escreve aos Coríntios: “Cristo ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras (1 Cor 15, 4), é provável que as Escrituras em que estava a pensar fossem precisamente as desta passagem de Oseias – o Espírito pode tirar palavras de vida mesmo de cânticos que não agradavam aos profetas.

Nesta crítica à identificação de YHWH com os deuses naturais da fertilidade pode haver algo de importante. É bom debruçar-nos sobre isto. Na Bíblia e, depois, no cristianismo, existe uma veia

profunda que se cruza com as religiões primitivas e os cultos naturais. O homem bíblico brotou das formas de religiosidade arcaica, onde as divindades se viam no ritmo da vida e da morte, do sol, dos astros. Era este o seu mundo, não conheciam outros. Sabia que a vida dependia radicalmente da fertilidade da terra, da generosidade das estações. Sentia, por um instinto invencível, que a sua terra era habitada também por seres invisíveis, mas muito reais, aos quais se sentia ligado e dos quais dependia a vida de todos e de tudo. Portanto, foi inevitável que as primeiras palavras com que os homens falaram com os deuses fossem as que tinham aprendido da natureza e da vida, porque eram as únicas que conheciam e amavam. Nasceram, assim, na aurora da civilização, os grandes mitos do deus que morre no outono, permanece no sepulcro no inverno e, depois, renasce na primavera, do deus que fertiliza a terra com a chuva e a neve e esta, depois, dá à luz flores e frutos, nos campos e nos vasos de Adónis. Inseriram as primeiras narrações religiosas neste grande ciclo da natureza, desenharam-nas com estas cores vivas. Deram a Deus as suas palavras mais bonitas.

O que fez a Bíblia com esta religiosidade natural? Considerou-a toda *vanitas*? Sim e não. Para os homens e mulheres em carne e osso do povo de Israel não o era: sentiam Deus por detrás de todas as coisas, como os povos seus vizinhos, como os nossos avós campestres que sentiam uma divina emoção a percorrer os seus próprios caminhos, perseguindo o rasto do veado e das raposas, sentiam que a morte não era a última palavra e sabiam que, um dia, uma misteriosa primavera de vida os surpreenderia e reveriam pais e filhos. Entoavam os mesmos cânticos pelas vinhas e, no último molho, rezavam pela chuva e para que o terramoto não voltasse. Assim aprendemos a rezar, a falar com os anjos e com os demónios, a vislumbrar Deus por detrás de cada coisa e, logo de seguida, vê-lo desaparecer.

Um dia, porém, um dia diferente, a Bíblia diz-nos que aconteceu algo de novo e de imprevisto. Quando, num mistério envolvido, sempre e ainda, por uma nuvem veladora-reveladora, o Deus que todos os povos tinham sentido e procurado interetar, nos disse algo de novo acerca de si, nos deu palavras que ainda não tínhamos. E começou a história diferente de um povo do qual nasce a Bíblia, cuja primeira missão não foi o de recolher as palavras sobre Deus que os homens *já* conheciam, mas de nos fazer conhecer as que *ainda não* existiam. Era este “ainda não” o imenso valor da Bíblia, o seu tesouro mais precioso que o povo guardou. E, para sublinhar a novidade destas palavras de céu, as palavras religiosas da terra acabaram por se tornar as palavras dos ídolos, dos “deuses falsos e enganadores”. Compreende-se, então, por que a primeira luta contra a idolatria que a Bíblia travou foi *no seio* do seu povo, porque a religiosidade da terra e da natureza era aquela donde vinham também as tribos de Jacob. Eram filhos de Abraão e dos mitos do Médio Oriente, dos cultos naturais de deuses mais simples. Cultos muito apreciados pelo povo, contra os quais a Bíblia foi muito dura – e os profetas foram duríssimos – *porque queria afirmar uma novidade* e continua a afirmá-la. A Bíblia teve muita dificuldade em separar a verdadeira fé da fé nas divindades da natureza porque o povo sentia que naquelas antigas tradições que tinham aprendido em Canaã, trazidas consigo de Ur dos Caldeus ou do Egipto, havia também alguns *vestígios verdadeiros* do mesmo Deus que um dia tinha revelado o seu verdadeiro

nome. Toda a revelação de dimensões novas da realidade é uma *destruição criadora*, e quase sempre, entre os materiais destruídos e eliminados, também há alguns bons. Os profetas, por vocação, destroem, sem piedade, templos, capitéis e mosaicos antigos, por vezes muito bonitos, e alguns perdem-se para sempre, porque a área que cobre a nova religião nunca coincide com a coberta pelas anteriores.

É dentro deste discurso que devemos colocar também a crítica de Oseias com a sua (para nós) desconcertante força e dureza: «Por isso os castiguei duramente pelos profetas, e os matei pelas palavras da minha boca» (6, 5). A profecia também é isto: «arrancar e demolir, arruinar e destruir» (Jeremias, 1, 10). Mas como as casas destruídas pelos profetas são aquelas em que o povo vive, inclusive os palácios dos reis e os templos dos sacerdotes, o trabalho dos profetas é duríssimo, doloroso, não é amado nem compreendido. E eles continuam a destruir, a expulsar as pessoas das suas casitas e os reis dos seus palácios; e fazem-no – aqui está o busílis – não para construir outros palácios e novos templos no lugar dos anteriores, mas para serem de novo pobres e livres e, depois, retomar o caminho para uma terra que permanece sempre prometida, a *terra do ainda não*. Os profetas verdadeiros não são estimados porque destroem casas e, em seu lugar, oferecem tendas; derrubam templos e dão-nos um espaço vazio; destroem as nossas casas e deixam-nos ao frio, nus, sem nada. Quem obedece aos profetas? Ninguém.

E é no auge deste cântico que alcançamos, talvez, a pérola mais preciosa deste capítulo. Ei-la: «Porque Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus mais que os holocaustos» (6, 6). Quero *hesed* (isto é, misericórdia, amor fiel, reciprocidade, lealdade) e, *portanto*, o conhecimento verdadeiro de Deus-YHWH. Por outro lado, isto é, no lado errado, existem os sacrifícios. Chegámos ao centro, estamos no ponto central não só de Oseias, mas de toda a profecia e, talvez, não só da profecia bíblica, mas de toda a profecia autêntica – a terra está plena de profecia, até mesmo a nossa terra árida e sem água. Há um conflito, uma alternativa, um “fosso” (J. Jeremias) entre a fé dos profetas e a do templo, isto é, entre a fé fundada sobre o *hesed* e a fundada sobre os sacrifícios, entre a civilização da gratuidade e a civilização do cálculo, entre a religião do amor e a comercial.

Amor e sacrifícios: dois caminhos religiosos diferentes, opostos, incompatíveis, como revela também o verbo hebraico usado por Oseias (*hps*), que diz claramente que Deus ama, gosta, quer, aprecia o *hesed* e *não quer*, não ama, não gosta dos sacrifícios; incomodam-No. No mundo antigo, todos faziam sacrifícios, inclusive os sofisticados gregos e os jurídicos e racionais romanos. Neste ambiente sacrificial, aceite por todos e adorado pelos sacerdotes, Oseias grita bem alto que oferecer sacrifícios não só é inútil (Qohélet) mas incomodam Deus, perturba-O. Nestes gritos, os profetas são imensos e maravilhosos; nisto são realmente diferentes de nós. Nós podemos, com coragem, chegar a dizer: “Os sacrifícios são menos importantes que o amor; mas um pouco de culto também é necessário; alguma oferta ao templo não faz mal a ninguém: o povo gosta destas práticas”. Os profetas verdadeiros e grandes, não. Eles dizem-nos outra coisa; dizem-nos o contrário. São tremendos e radicais, desequilibrados, partidários, divisores, não gentis, exagerados, excessivos.

Como Jesus de Nazaré que, perante os muitos que protestavam pela sua convivência com pecadores públicos (Mateus, o publicano), cita precisamente esta frase de Oseias: «Ide aprender o que significa: *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*» (Mt 9, 13); e, depois, repete-a para nos explicar como ver a Lei e o templo: «Se compreendêsseis o que significa: *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*, não teríeis condenado estes que não têm culpa» (Mt 12, 7). Aqui, Jesus explica-nos Oseias, mostrando-nos que a alternativa-fosso-conflito entre amor e sacrifício não se limita apenas à vida religiosa, mas estende-se a toda a vida social. Não só nos repete, com Oseias, que a sua religião não é a dos sacrifícios, mas a do amor-hesed-ágape; diz-nos também que a cultura do sacrifício é uma *relação errada com a vida*, não apenas com Deus. Porque é a relacionalidade baseada no cálculo e não na generosidade, na lógica económica e não no excedente. A lógica do sacrifício é primeiro uma armadilha antropológica e depois uma questão teológica e religiosa. É a lógica de quem vive a fazer contas, calculando os custos e os benefícios de cada ação porque, no fundo, é ateu, não acredita que somos amados, que no mundo existe uma grande inocência, que somos filhos. A fé sacrificial aprisiona Deus numa gaiola mais apertada do que a do homem mais mesquinho. Quem define a sua vida pelos sacrifícios, acredita na meritocracia *porque* não acredita na graça, não se fia na grande providência do mundo e, por isso, compra para si uma pequena providência privada que nunca o satisfaz.

Os profetas lutam com todas as suas forças contra os sacrifícios para nos dizer: *vós valeis mais do que as vossas obras, sois maiores do que os vossos cálculos, sois melhores do que os vossos contratos, sois amados mesmo sem o merecer: porque te amo e basta, não pelos teus méritos; amo-te por ti*. Portanto, combater a religião dos sacrifícios significa renunciar a uma visão do mundo mesquinha, empobrecida, avarenta. Os profetas, alargando a nossa ideia de Deus, alargam a ideia que nós temos dos outros e de nós mesmos.